www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):
Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)
Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normactivitys, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormactivity hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

?A minha vida foi uma diáspora da aids?: gênero, doença, lugar e sofrimento social na experiência de ser mulher e viver com HIV/aids

Autoria: Lucas Pereira de Melo (USP - Universidade de São Paulo)

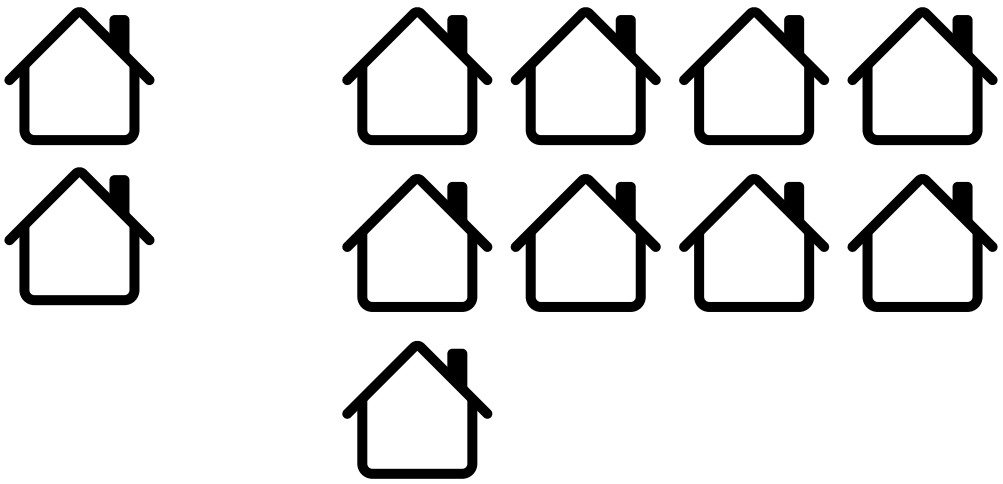
A partir de uma etnografia multissituada em um grupo virtual fechado no Facebook composto por pessoas que vivem com HIV/aids e em espaços off-line em variadas cidades brasileiras, conduzida entre 2017 e 2020, esta comunicação analisa a trajetória e experiências de Helena (nome fictício), uma interlocutora amazonense, de 47 anos de idade, heterossexual, mãe, divorciada, com ensino superior incompleto, que vive com HIV/aids há 30 anos, sendo, em suas palavras, uma ?sobrevivente da aids? e de ?um sistema que existe para nos matar?. Nossas interlocuções aconteceram on-line, primeiramente no grupo virtual, depois por meio dos nossos perfis pessoais no Facebook e nas duas entrevistas que realizamos, também on-line. Ao longo de seu testemunho de sobrevivente da aids suas experiências iam sendo contadas tendo como pontos de inflexão os trânsitos migratórios entre cidades do Norte, Sudeste e Sul do país que integravam lugares, pessoas, instituições, relacionamentos, maternagem, emoções, etc. Por isso, ao ler uma postagem sobre diásporas da aids feita pela Coletiva Loka de Efavirenz no Facebook, Helena alinhavou os pontos e as relações dessa trajetória me oferecendo um centro de gravidade etnográfico em torno do qual apresento e discuto sua experiência de viver em quatro cidades brasileiras, configurando uma etnografia marcada pelo tempo e espaço. O objetivo aqui é tecer algumas análises sobre um conjunto de violências estruturais evidenciadas por uma sorologia cujo pêndulo se movia entre a publicização e o segredo como escolha e como imposição dos maridos em seus dois casamentos, conformando economias de conhecimentos e gramáticas emocionais marcadas por estigmas, discriminações e dores; pelas violências de gênero em suas distintas faces (doméstica, obstétrica, institucional e sexual) que modelaram suas experiências como mulher, esposa,

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

mãe, usuária de serviços de saúde e membra de uma igreja evangélica pentecostal; e pelas disparidades regionais no acesso aos serviços e tecnologias de saúde relacionadas ao tratamento do HIV/aids e à saúde sexual e reprodutiva na Região Norte do Brasil que, segundo Helena, associava-se ao estigma da aids e às violências de gênero e tomaram a dianteira nas suas decisões de migrar. A diáspora da aids performada por Helena nos oferece pistas etnográficas para compreender como os cruzamentos entre gênero, doença e lugar estão implicados na produção e reprodução de violências estruturais que conformam experiências de sofrimento social (este tipo de sofrimento fortemente enraizado nas feridas históricas, políticas, econômicas e socioculturais, e nas práticas estatais) e nos possibilita analisar as agências e os processos de subjetivação que fazem produzir recusas, lutas e resistências.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**